

O IMPACTO DA PANDEMIA DE COVID-19 NA **CIDADE DE DEUS**

**CONSEQUÊNCIAS NA EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS,
JOVENS E ADULTOS**



RIO DE JANEIRO, BRASIL

Outubro 2021

Cristiane Martins
Anjuli Fahlberg
Sophia Costa
Mirian de Andrade
Jacob Portela
Ana Claudia de Araujo
Lidiane Santos Barbosa
Venkatesh Ramamoorthy

Autores

Cristiane Martins, Assistente Social, Casa de Santa Ana, Rio de Janeiro, RJ. Coordenadora de Campo, Coletivo de Pesquisa Construindo Juntos.

Anjuli Fahlberg, PhD. Professora Adjunta de Sociologia, Tufts University, Medford, Massachusetts, USA. Pesquisadora Responsável, Coletivo de Pesquisa Construindo Juntos.

Sophia Costa, Estudante de Graduação em Sociologia, Tufts University, Medford, Massachusetts, USA. Assistente de Pesquisa, Coletivo de Pesquisa Construindo Juntos.

Mirian de Andrade, Coordenadora, ASVI CDD, Cidade de Deus, Rio de Janeiro, RJ. Consultora, Coletivo de Pesquisa Construindo Juntos.

Jacob Portela, Analista de Gestão em Saúde de Farmanguinhos/Fiocruz. Mestre em Ciência Política - Universidade Federal Fluminense- UFF. Consultor, Coletivo de Pesquisa Construindo Juntos.

Ana Cláudia de Araújo, Graduanda em Serviço Social, Coordenadora de Pré-Vestibular Instituto Arteiros. Pesquisadora, Coletivo de Pesquisa Construindo Juntos.

Lidiane Santos Barbosa, Professora de Ciências Biológicas, Coordenadora do Projeto Eco Rede/Alfazendo. Pesquisadora, Coletivo de Pesquisa Construindo Juntos.

Venkatesh Ramamoorthy, Doutorando em Economia, Tufts University, Medford, Massachusetts, EUA. Analista de Dados, Coletivo de Pesquisa Construindo Juntos.

Material gráfico: **André Pacheco**

Financiador

Faculty Research Award, Office of the Vice Provost for Research, Tufts University
Diversity, Education, Inclusion and Justice Grants-in-Aid,
Office of the Vice Provost for Research, Tufts University

© Coletivo de Pesquisa Construindo Juntos, 2021
Cidade de Deus, Rio de Janeiro, Brasil
www.construindojuntos.com

Pesquisa aprovada pelo *Social, Behavioral and Educational Institutional Review Board* (Comitê de Ética em Pesquisa sobre Temas Sociais, de Comportamento e de Educação), Tufts University: STUDY00000636.

Introdução

A Cidade de Deus (CDD) foi uma das favelas mais impactadas pela pandemia de Covid-19 em diversos aspectos. A pandemia afetou a economia local, a saúde física e mental e a educação de crianças, jovens e adultos na Cidade de Deus, entre outros aspectos. Este é o terceiro relatório após um primeiro sobre o grave estado econômico da comunidade e um segundo descrevendo os agravamentos na saúde física e mental dos moradores (ver os outros no www.construindojuntos.com). Este relatório, como os outros, apresenta dados quantitativos coletados entre fevereiro e março de 2021, um ano depois que o primeiro caso da COVID-19 foi descoberto na CDD. Aqui focamos no impacto da pandemia na questão de educação e relações sociais entre crianças, jovens e adultos.

Em resumo, encontramos que a pandemia de Covid-19 trouxe graves consequências para a educação na Cidade de Deus. As escolas públicas ficaram fechadas do período de março de 2020 até agosto de 2021 e as escolas particulares retornaram um pouco antes de agosto. Para algumas crianças, as atividades escolares passaram a ser realizadas no formato online. Para outras, houve simplesmente a disseminação de alguns folhetos para elas completarem sozinhas em casa. Porém, muitos alunos não tinham celular ou acesso à internet ou a alguém para orientá-los sobre os trabalhos escolares. Jovens e crianças passaram a acessar redes sociais com mais frequência e alguns ficaram desestimulados em estudar. Por consequência, a grande maioria de crianças e adolescentes perderam a oportunidade de aprendizagem durante mais de um ano, o que terá um grande impacto na sua capacidade de competir com outros estudantes das suas idades para entrada em universidades e cursos profissionalizantes.

Além disso, devido à crise econômica que a Cidade de Deus tem sofrido durante a pandemia, muitos adolescentes tiveram que sair da escola para trabalhar e ajudar suas famílias com as contas mensais. A maioria dos adultos que estavam em cursos ou na faculdade tiveram que trancar a matrícula ou sair do curso. Atualmente, encontramos uma situação de grande atraso educacional, onde as crianças, adolescentes e até adultos perderam mais de um ano de aprendizagem. Consequentemente, a Cidade de Deus necessita urgentemente de programas de reforço escolar, cursos adicionais e outros apoios para que seus residentes possam recuperar as perdas do ano.

Resumo dos Dados

- 97,3% dos respondentes disseram que as crianças residentes em suas casas não estavam aprendendo tanto durante a pandemia quanto aprendiam antes.
- Um terço (31,6%) dos respondentes relataram que as crianças residentes em suas casas não estudaram nenhuma hora por semana durante a pandemia.
- 84% dos respondentes disseram que seria necessário reforço escolar para as crianças recuperarem o aprendizado.
- Nas casas em que as crianças não estavam estimuladas a voltar para a escola, 38% relataram que o motivo seria o medo de não aprender o conteúdo do próximo ano.
- 12,2% dos adolescentes desistiram do colégio durante a pandemia.
- Mais da metade (56,3%) dos adolescentes não conseguiram acessar o material escolar regularmente na pandemia.
- A taxa de evasão escolar entre adultos na Cidade de Deus foi cinco vezes mais que a do país, com 73% dos adultos da CDD matriculados em cursos tendo que desistir durante a pandemia.

Coletivo de Pesquisa Construindo Juntos

O Coletivo de Pesquisa Construindo Juntos (CJ), fundado em 2019, tem como missão trazer voz e legitimidade ao "saber periférico", ou seja, o conhecimento e formas de ver o mundo de pessoas das periferias urbanas. Somos uma parceria entre pesquisadores e moradores de comunidades periféricas, com foco na Cidade de Deus. Membros da nossa equipe tem bases em várias instituições no Rio de Janeiro, Brasil e na Tufts University, perto de Boston, Massachusetts (EUA).

Nossas pesquisas utilizam uma diversidade de metodologias, porém todas têm base nos princípios de Pesquisa de Ação Participativa. Focamos em três objetivos: (1) A liderança e participação de moradores da comunidade em todas as fases da pesquisa, incluindo decisões sobre temas de pesquisa, metodologias, análise e divulgação dos dados; (2) Educação coletiva, onde todos os participantes da pesquisa aprendem uns com os outros por diálogo e co-produção de sabedoria; e (3) A promoção de mudanças sociais e políticas para o melhoramento de comunidades periféricas.

Metodologia

Para esta pesquisa, foi essencial criar uma metodologia que captasse as vozes de uma grande diversidade de moradores, sem colocar a equipe de pesquisa em risco de contrair o coronavírus. Decidimos realizar o estudo de maneira completamente online, utilizando diversas plataformas e aplicativos digitais, tais como redes sociais, WhatsApp e Zoom, para nos encontrarmos com participantes de instituições locais, ONGs e lideranças comunitárias e disseminar a pesquisa. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética (Institutional Review Board) da Tufts University, onde a Dra. Anjuli Fahlberg, co-diretora do Coletivo Construindo Juntos, é Professora Adjunta em Sociologia.

Nossa abordagem captou a voz de mais de mil pessoas, porém, não podemos negligenciar o fato de que muitos moradores da CDD não têm celulares ou acesso à internet, e outros não têm conforto em se sentar e responder uma longa pesquisa online. Portanto, é bem provável que a pesquisa não tenha captado as pessoas mais carentes da comunidade: os dados que divulgamos representam, no geral, uma população mais conectada e fluente em uso de tecnologia.

A pesquisa foi realizada em quatro fases.

Fase 1: Fórum com Provedores Locais

Em outubro de 2020, realizamos um fórum com representantes de 15 ONGs locais que têm oferecido assistência aos moradores mais afetados pela pandemia. Participantes do fórum, cuja maioria são também moradores da Cidade de Deus (CDD), têm presenciado diretamente o impacto da pandemia, especialmente em famílias carentes, crianças e adolescentes, idosos, e pessoas com doenças crônicas.

Fase 2: Coleta de Histórias

Na segunda etapa, realizada entre outubro e novembro de 2020, pedimos aos moradores da CDD para nos enviarem depoimentos de como a pandemia afetou suas vidas. Cada participante compartilharia o que quisesse, nos contando como a pandemia afetou a saúde física e mental, situação econômica, acesso à educação, trabalho, relações familiares, o ambiente público e social ou qualquer outro assunto que foi de grande impacto aos moradores. Com ajuda da página de Facebook CDD Acontece, divulgamos um link no qual moradores com mais de 18 anos compartilharam suas histórias anonimamente. Recebemos um total de 138 histórias.



Fase 3: Dados Quantitativos

Após analisarmos os temas mais comuns das histórias, montamos um questionário para captar a extensão dessas dificuldades pelo território de uma forma quantitativa. As perguntas foram apresentadas aos articuladores locais e passou por várias revisões com moradores da CDD. O questionário final teve, no total, 84 perguntas, divididas entre os temas (1) Trabalho e Renda; (2) Educação, Crianças e Adolescentes; (3) Saúde Física e Mental; (4) Relações Familiares; (5) Resiliência e Ajuda Comunitária; e (6) Opiniões e Observações sobre o coronavírus.

Coletamos os dados da pesquisa por um mês, entre início de fevereiro e início de março de 2021. O questionário foi divulgado em diversas redes sociais, grupos de WhatsApp e listas de transmissão. Para captar um público diverso e representativo da comunidade, divulgamos o link pela página do Facebook CDD Acontece, que é seguida por mais de 100.000 pessoas e quase todos os moradores da Cidade de Deus.

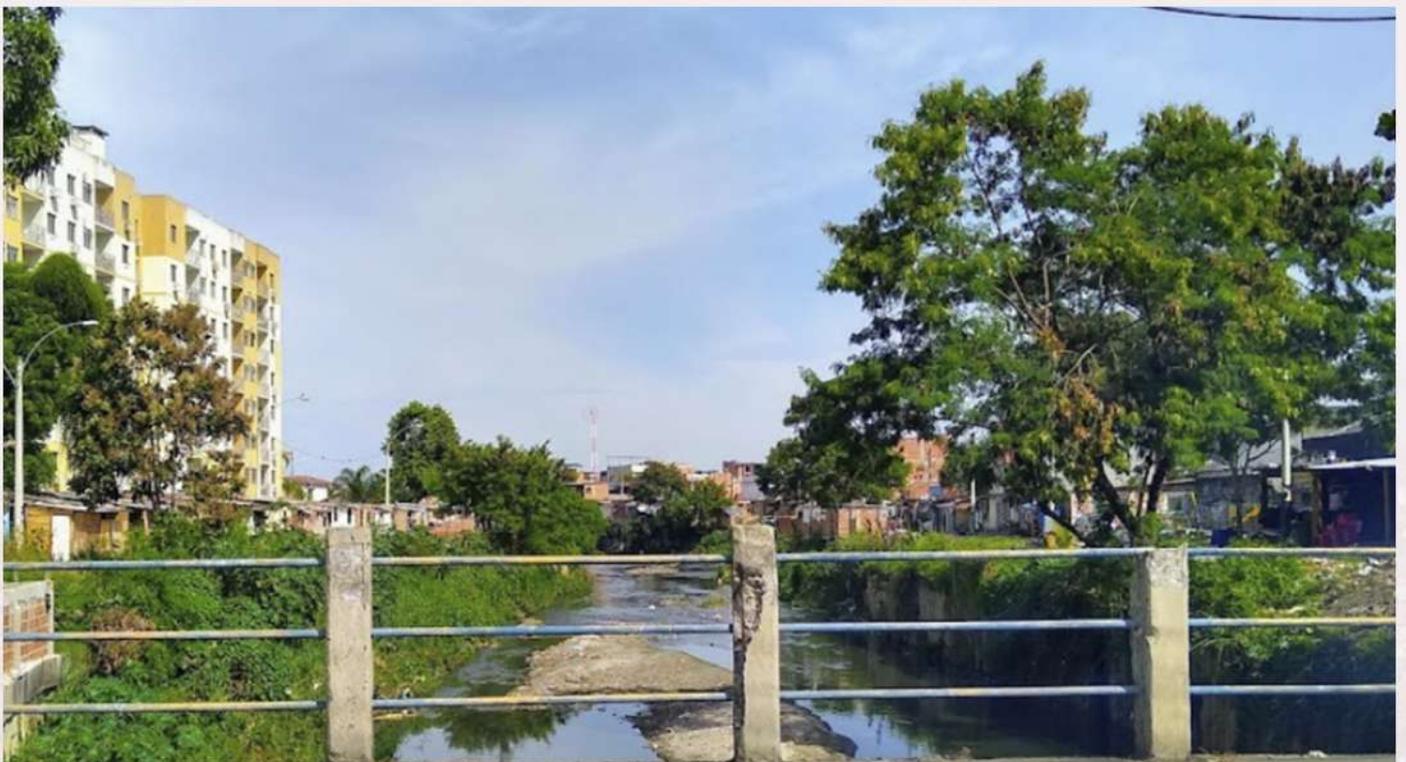
Como muitos moradores moram nas periferias da Cidade de Deus, além dos limites impostos pelo Correio ou pelo mapa oficial da CDD definido pelo município, a pesquisa convidou qualquer pessoa acima de 18 anos que se considerava morador da Cidade de Deus a preencher o questionário. No total, 648 pessoas completaram o questionário inteiro e mais 215 outras pessoas tiveram participação parcial.

Fase 4: Disseminação dos Dados

Realizamos duas apresentações dos dados com moradores e articuladores locais para decidirmos juntos a melhor forma de divulgar os dados da pesquisa. Os participantes puderam fazer perguntas e opinar sobre quais dados eram os mais urgentes a serem publicados. A partir dos conselhos dos participantes, um primeiro relatório sobre o impacto da pandemia na economia local foi publicado em maio de 2021. Para promover a educação do público e trazer a atenção dos órgãos públicos, empresas privadas, ONGs e coletivos para as necessidades da Cidade de Deus, divulgamos os dados em diversas plataformas midiáticas e dentro da comunidade em fóruns e reuniões. Apresentamos agora o terceiro relatório, escrito por pesquisadores e moradores da Cidade de Deus.

Respondentes da pesquisa

Os detalhes dos participantes da pesquisa se encontram no primeiro relatório, "O Impacto da Pandemia na Cidade de Deus: O Grave Estado Econômico da Comunidade". Notamos brevemente que os respondentes representam a distribuição geográfica da comunidade por todas as suas "partes" diferentes, do AP 1 e 2 até a Comunidade Guarany e Tangará/Santa Efigênia. Também tivemos representação racial, sendo que quase metade (47%) se identificaram como pretos, 36% como pardos e 15% como brancos. Houve mais mulheres (78%) do que homens (21%), e duas pessoas se identificaram como trans/outro.



Resultados da Pesquisa - Crianças

De acordo com a pesquisa, a pandemia teve um grande impacto na educação de crianças e jovens moradores da Cidade de Deus. Conforme os gráficos abaixo, em 54,2% das casas moram crianças na idade escolar entre 6 e 12 anos.

Casas com crianças de 6 a 12 anos



Podemos ver que mais da metade dos respondentes tinham crianças da idade escolar morando em suas casas. Essa estatística abre perguntas subsequentes, como: tais crianças tiveram acesso a materiais para estudarem em casa? Se sim, quais materiais? Se não, o que essas crianças têm feito durante a pandemia? Quais crianças tiveram seus estudos mais prejudicados pela pandemia? Como se manifestaram esses prejuízos, e como poderemos corrigi-los? Essas são questões às quais provedores de serviços, movimentos sociais e as famílias da Cidade de Deus, bem como o poder público, devem se atentar, sobretudo a partir de agosto de 2021, em que se inicia a reabertura presencial das escolas no Rio de Janeiro, inclusive na rede pública!¹ É importante ressaltar que em sua maioria as crianças da Cidade de Deus estudam na rede pública municipal de educação, a qual, mesmo antes da pandemia já sofria com "sucateamento" e outras deficiências que aumentavam a desigualdade entre aprendizado dos mais vulneráveis em comparação aos mais ricos.

Em relatório recente do Banco Mundial², simulações apontam que a "pobreza da aprendizagem" nos países da América Latina e Caribe pode aumentar em cerca de 20% em decorrência do fechamento das escolas em 2020. Isso significa que, em média, dois em cada três alunos do ensino fundamental podem não ser capazes de compreender um texto simples adequado para sua idade.

1 - G1Rio, 2021. "Volta às aulas presenciais: como será o segundo semestre nas escolas do Rio."

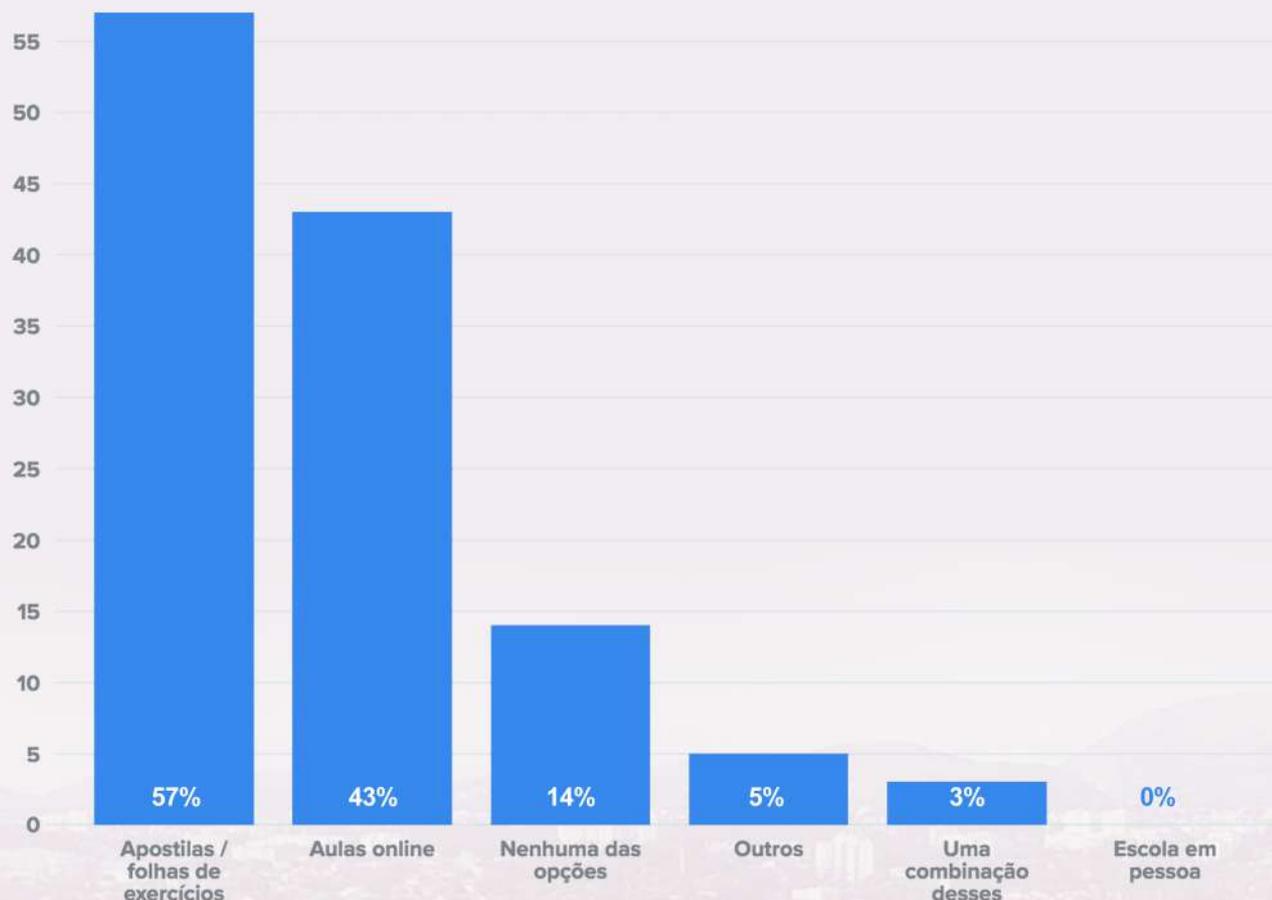
Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/07/21/volta-as-aulas-presenciais-como-sera-o-2o-semester-nas-escolas-do-rio.ghtml>

2 - World Bank. 2021. Ação Urgente é necessária para fazer frente à enorme crise da Educação na América Latina e no Caribe.

Disponível em: <https://www.worldbank.org/pt/news/press-release/2021/03/17/hacer-frente-a-la-crisis-educativa-en-america-latina-y-el-caribe>

Resultados da Pesquisa - Crianças

Modo de estudo para crianças

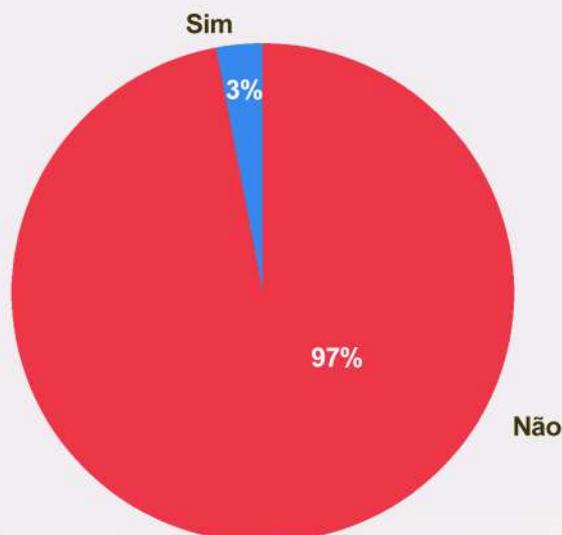


O modo de estudo mais comum (57%) entre as crianças captadas pela pesquisa foi através de apostilas com folhas de exercícios, seguido por aulas online (43%). 14% não tiveram acesso a nenhuma das modalidades de estudo. Mais da metade das crianças não teve acesso às tecnologias, através das quais minimamente teriam contato com um professor explicando as atividades. Também houve crianças que não foram contempladas com nenhuma das metodologias de ensino adaptadas para a pandemia, aumentando sua falta de acesso à educação.



Resultados da Pesquisa - Crianças

As crianças estão aprendendo tanto quanto aprendiam antes da pandemia?



A pandemia impactou diretamente e negativamente o aprendizado das crianças: quase todos os respondentes (97%) disseram que o aprendizado foi menor do que antes da pandemia.

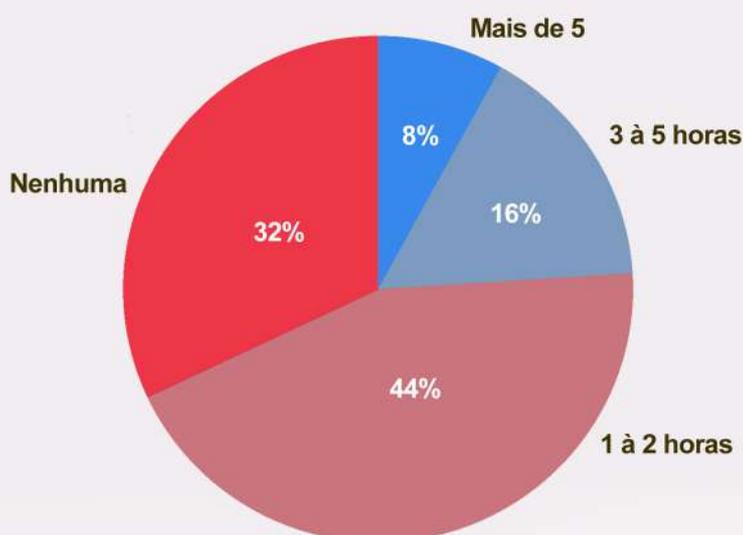
Várias situações dificultaram o aprendizado durante esse período: o ensino passou a ser remoto, demandando acesso à tecnologia. Porém, nem todas as famílias tiveram a possibilidade de ter disponível ferramentas para essa modalidade de ensino. Além disso, a qualidade e quantidade de opções do serviço prestado pelas operadoras de internet é, no geral, mais baixa na CDD do que em outros bairros, um empecilho que dificultou o acesso à educação remota. Além da falta de ferramentas, o ambiente doméstico, muitas vezes compartilhado com vários outros integrantes da família, trouxe inúmeras distrações que complicam o aprendizado de fato.

As crianças e os adolescentes também precisaram ter maior responsabilidade em administrar os horários de elaboração dos trabalhos. Isso difere das aulas presenciais, nas quais há uma estrutura liderada pelo professor e uma eliminação imediata de dúvidas que possivelmente pudessem surgir.

“Essa pandemia afetou muito a vida da minha família meu filho ficou sem escola não conseguiu nem matricula-lo. ficou sem terapias ocupacionais pois ele é especial.”

Resultados da Pesquisa - Crianças

Horas por semana que crianças estudaram durante a pandemia



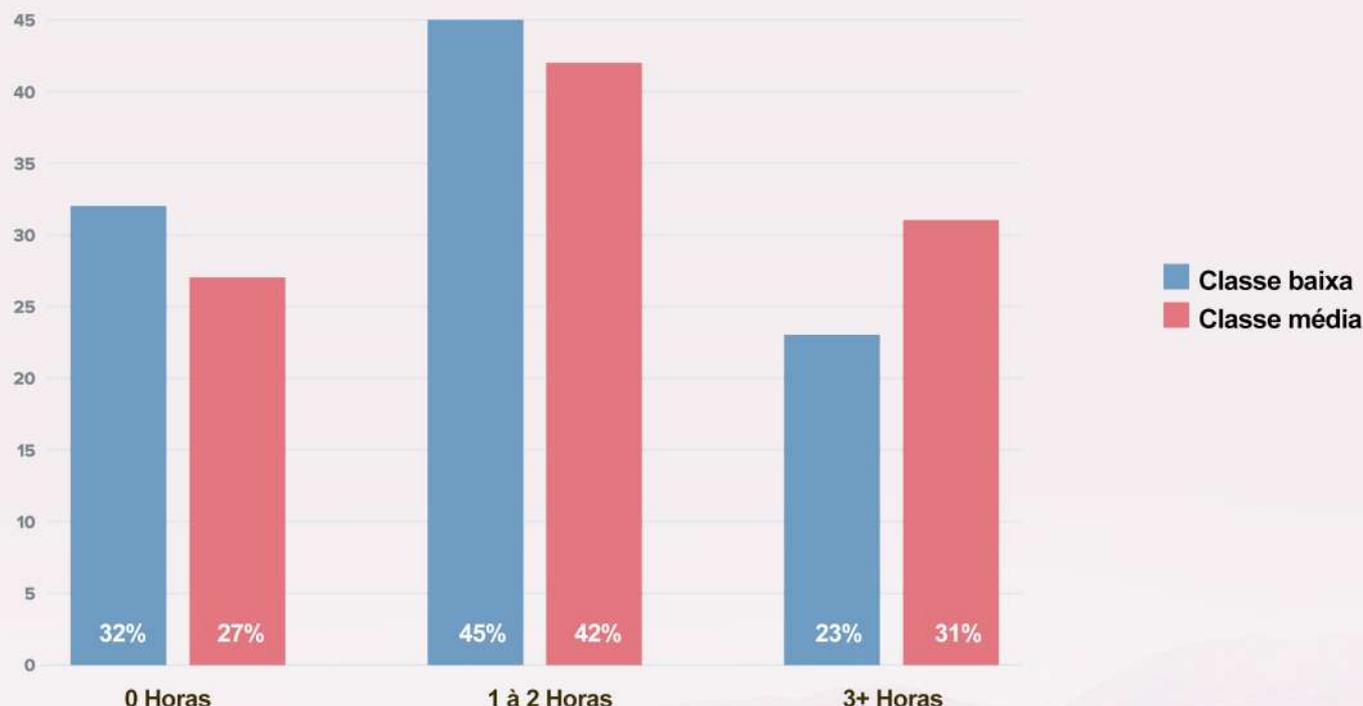
Percebe-se que a maioria das crianças estudaram poucas horas por semana, entre uma e duas horas ou nenhuma hora. Um número pequeno (7,6%) estudou mais de 5 horas. Estes dados são preocupantes, pois apontam que as crianças da Cidade de Deus aprenderam pouco ou nada, o que pode aprofundar as desigualdades educacionais entre moradores de bairros precarizados, como favelas, e bairros não precarizados.

“ Meus filhos ficaram sem ir para a escola e ficou muito mais difícil procurar emprego. ”



Resultados da Pesquisa - Crianças

Horas que as crianças estudaram por semana, por classe



O gráfico acima mostra uma comparação nas horas que crianças de classe baixa e classe média estudaram. Enxergamos que as crianças de classe média passaram mais horas estudando que crianças pobres: 31% dos estudantes de classe média estudaram três horas ou mais, enquanto somente 23% dos alunos de classe baixa alcançaram essa quantia de horas. Foi mais comum para crianças de classe baixa não estudarem nenhuma hora (32%) que crianças de classe média (27%).

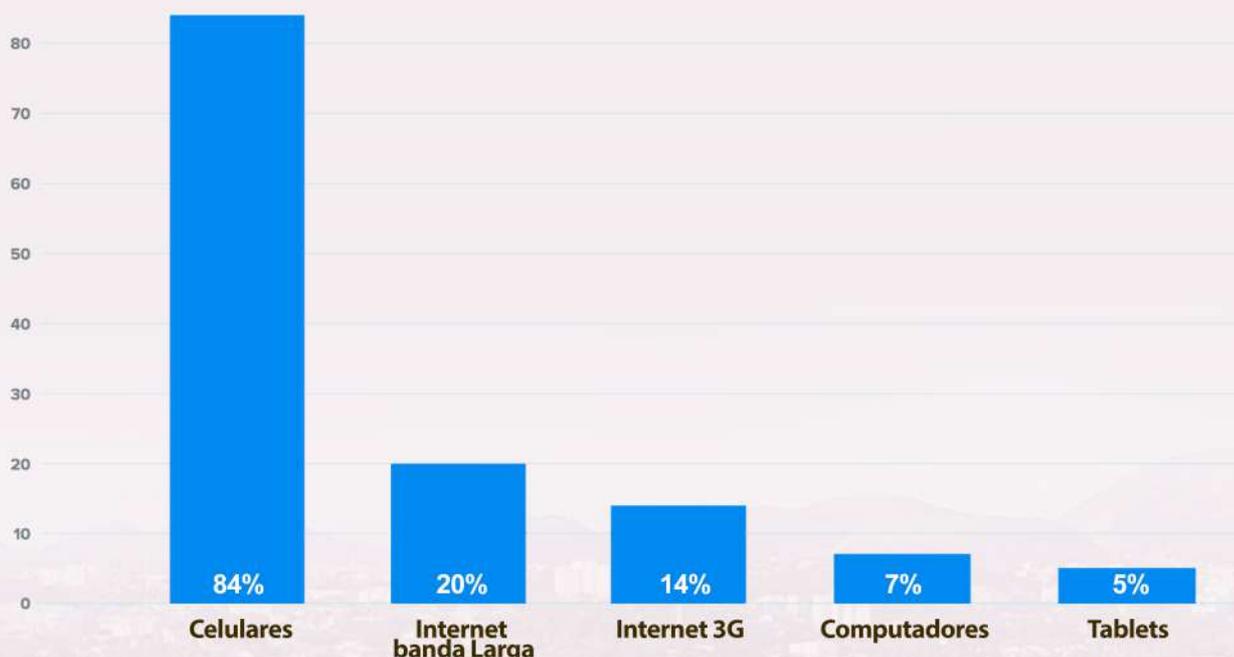
Segundo a LDB (Lei de Diretrizes e Bases nº9.394), para o ensino fundamental e médio, a carga horária mínima é de 800h divididas em 200 dias do ano letivo, o que dá a média de 4h diárias de atividades escolares. Em virtude da pandemia, a obrigatoriedade de 200 dias letivos foi suspensa pela Lei 14.040/20, porém a carga horária continua em vigor.

Com base no gráfico apresentado, podemos afirmar que somente 23% das crianças e adolescentes das classes mais vulneráveis chegaram próximo ao número idealizado pelo Estado. Os 31% de alunos das classes mais abastadas, que conseguiram se aproximar da meta, também figuram uma realidade muito preocupante para o cenário da educação em tempos de pandemia.

Resultados da Pesquisa - Crianças

Acessando ao estudo Cada Hora Importa do Polo Educacional Itaú Social³, aumenta-se o temor sobre o prejuízo que essa realidade tem sobre o futuro das gerações de crianças e adolescentes das famílias com menores rendas. Essa redução no tempo de estudo de crianças pobres pode significar o aumento no abismo de cerca de 8 anos de aprendizagem entre eles.

Acesso a tecnologia para crianças



O gráfico acima mostra uma comparação nas horas que crianças de classe baixa e Podemos notar que a maioria das crianças (84%) tiveram acesso a celulares e que poucos (7%) acessaram computadores, algo que facilita significativamente a realização de deveres de casa. Mesmo dentre as crianças com acesso a aparelhos eletrônicos, o acesso à internet ficou limitado a 34% delas, sendo, 20% com internet banda larga e 14% com internet 3G. Tal dado corrobora com os apontamentos do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), segundo o qual nas classes D e E, 85% dos estudantes dizem usar exclusivamente o celular para acessar a internet, enquanto somente 11% dos estudantes da classe A têm essa restrição⁴. Esses dados também vão de encontro a outros estudos previamente realizados, que indicam que “apesar do avanço no número de usuários de internet nos últimos anos, 47 milhões de brasileiros⁵ permanecem desconectados, sendo que 45 milhões (95%) estão na classe C e D/E”. Cabe ainda ressaltar que muitos estudantes podem ter tido que dividir os celulares com outros membros da casa, comprometendo ainda mais sua possibilidade de estudar. Essa falta de acesso à tecnologia compromete diretamente a realização dos trabalhos escolares e acompanhamento dos estudos online.

3 - Itaú Social. 2021.

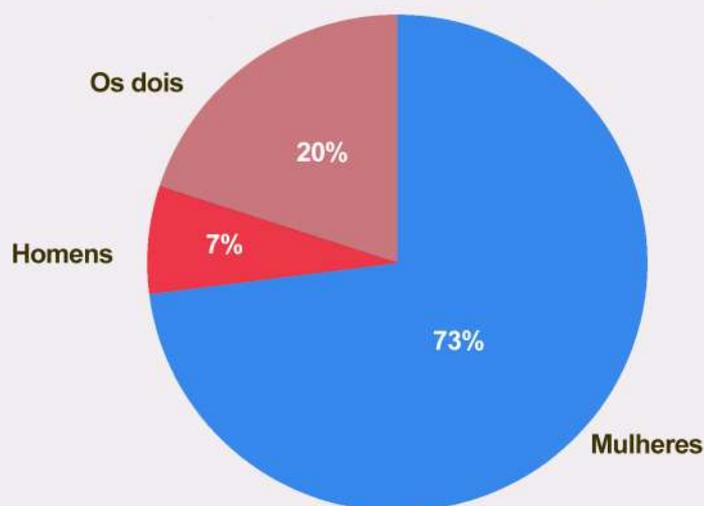
<https://www.itausocial.org.br/divulgacao/cada-hora-importa/>

4 - Agência Brasil. 2021. “Pesquisa mostra desigualdade no acesso à internet entre alunos.” *Correio Braziliense*

Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2021/06/4931472-pesquisa-mostra-desigualdade-no-acesso-a-internet-entre-alunos.html>

5 - Agência Brasil. 2021. “Pesquisa mostra desigualdade no acesso à internet entre alunos.” *Correio Braziliense*.

Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2021/06/4931472-pesquisa-mostra-desigualdade-no-acesso-a-internet-entre-alunos.html>

Resultados da Pesquisa - Crianças**Quem está cuidando das crianças**

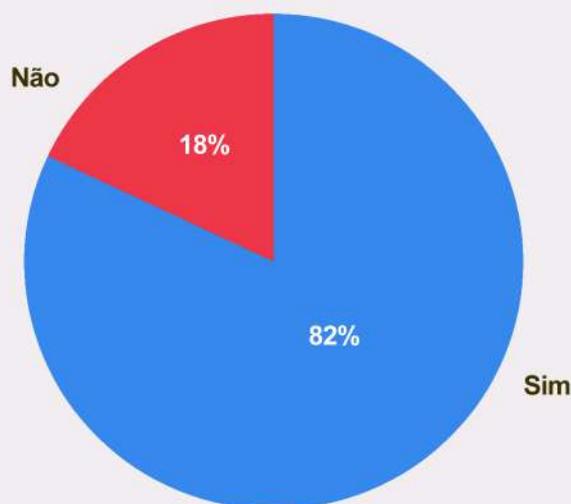
Em 73% das casas, somente mulheres ficaram encarregadas de cuidar das crianças. Em 20% os encarregados foram ambos homens e mulheres, com 7% das crianças cuidadas somente por homens. Ou seja, os dados mostram que as mulheres em sua maioria cuidaram das crianças, demonstrando a desigualdade de gênero e coloca a responsabilidade pelo cuidado dos filhos única e exclusivamente na mulher. Isso pode causar uma sobrecarga física e mental. Esse dado nos questiona também o lugar dessa mulher em sociedade: Nesse momento em que ela está em casa cuidando das crianças, quais seriam as possibilidades de que ela estaria abrindo mão? Se ela for a principal provedora do sustento dessa casa, como ela estaria conciliando essas duas responsabilidades, de prover recursos para o sustento e o ato de cuidar de seus filhos?

Associado a esse cuidado, podemos acrescentar um dado bastante relevante: as mulheres, segundo pesquisa realizada em 2020 pela consultoria IDados, são responsáveis pelo sustento da família, número que vem crescendo anualmente e já chega a 34,4 milhões atualmente. A pesquisa nos mostra que 10 milhões de mulheres assumiram o papel de chefe de família entre 2014 e 2019. Conseqüentemente, as mulheres cumprem uma dupla jornada de trabalho, precisando dar conta do trabalho fora de casa e dos afazeres domésticos. Não só isso, muitas mulheres também são encarregadas do cuidado de idosos e pessoas com necessidades especiais, configurando-se, assim, uma tripla jornada de trabalho para mulheres. Na maioria das vezes, estas ainda recebem um salário menor que o salário dos homens.

“Além do fechamento das escolas que atrapalharam o desenvolvimento educacional da minha filha o que nos fez ter gastos com uma pessoa para cuidar dela enquanto eu e meu esposo trabalhamos e com ajuda de uma psicopedagoga para auxiliar na alfabetização dela.”

Resultados da Pesquisa - Crianças

Casas onde algum adulto pode ajudar as crianças com as matérias escolares

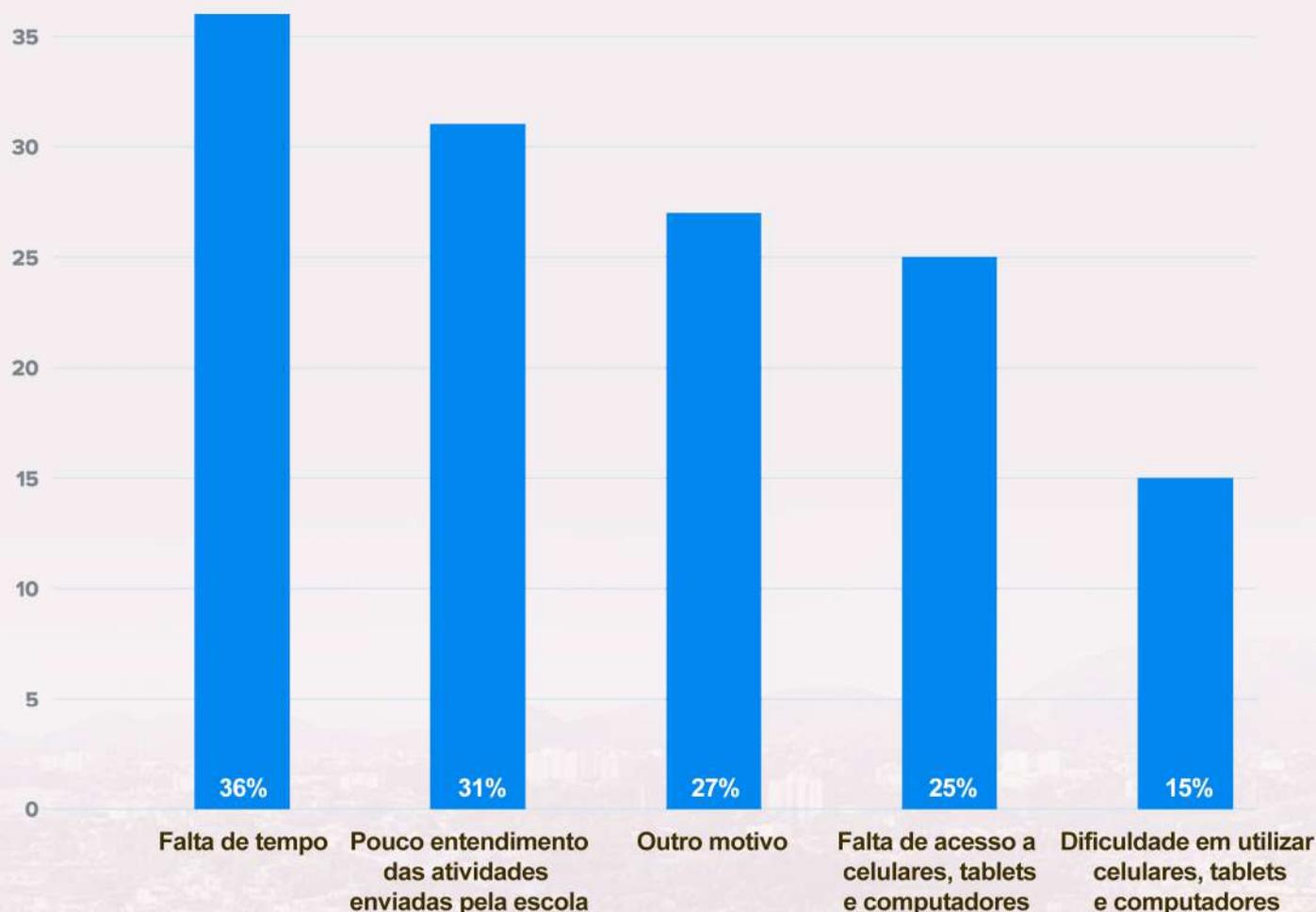


Na maioria das casas (82%), havia pelo menos um adulto que poderia apoiar as crianças da casa com as matérias escolares. Isso é um dado importante, pois afirma a capacidade escolar de adultos na Cidade de Deus.

Em um contexto pandêmico, essa assistência também significa atender às outras necessidades das crianças, como preparar mais refeições, já que a não ida para o ambiente escolar implica o aumento de, no mínimo, duas refeições na residência. Isso representa, especialmente para as mulheres, uma sobrecarga de tarefas. As tarefas do “cuidado” aumentam na mesma proporção, já que essas crianças estarão por mais tempo em casa e “ociosas”. As crianças anseiam pela experimentação, pelo movimento e pela novidade, sendo necessária a construção de uma rotina para facilitar seu desenvolvimento. Porém, a falta de recursos de muitas residências se encontram — por exemplo, várias residências têm apenas um cômodo com várias pessoas convivendo ao mesmo tempo — dificulta a construção dessa rotina em que o adulto e a criança tenham de fato um horário para as tarefas. Um exemplo desse obstáculo é apresentado no gráfico a seguir, segundo o qual 36% dos adultos justificaram a falta de tempo como principal motivo para não auxiliar os seus filhos nas atividades escolares.

Resultados da Pesquisa - Crianças

Motivos dos quais não puderam auxiliar os seus filhos nas atividades escolares



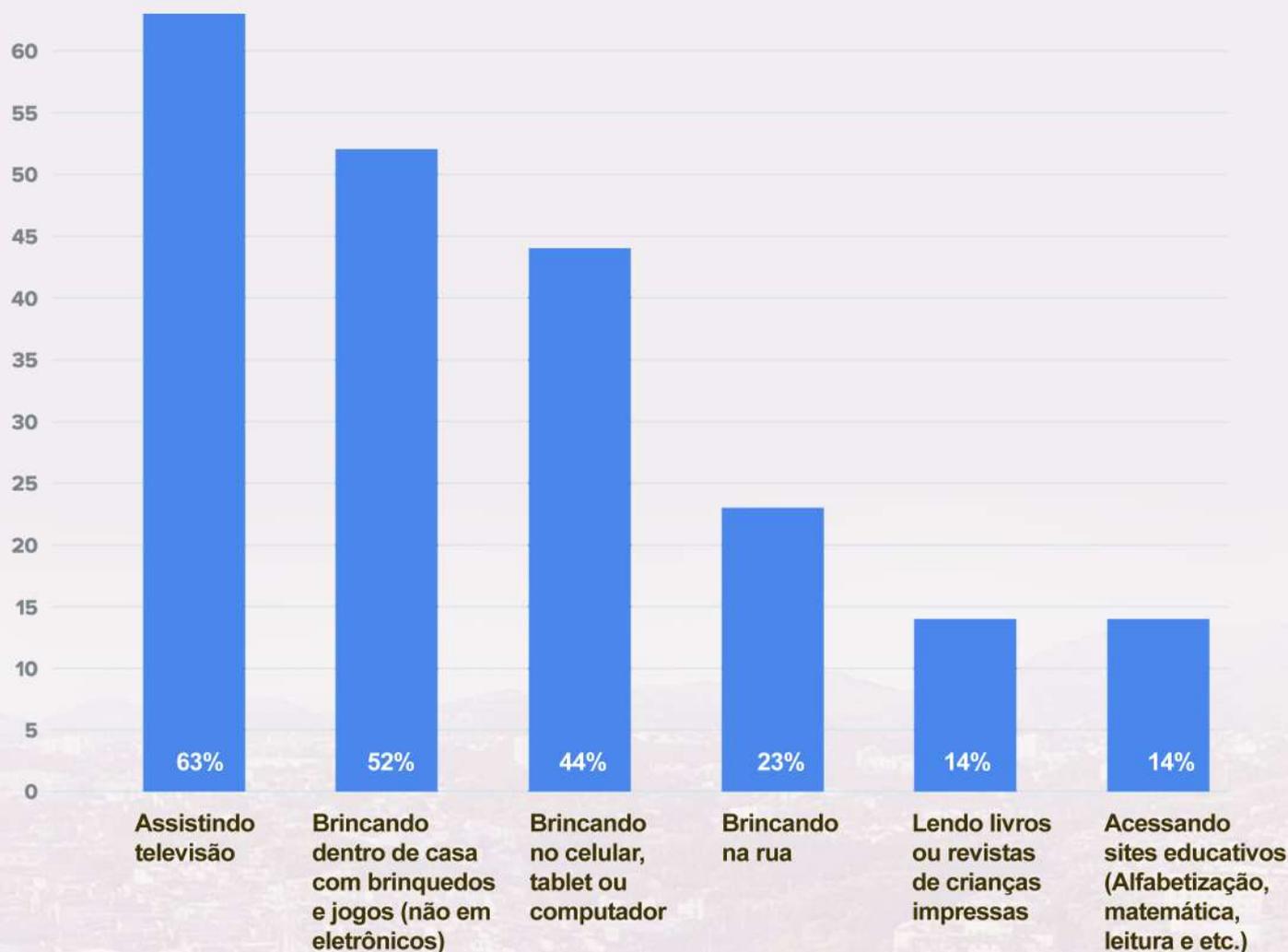
Dentre as 67 casas onde nenhum adulto pode ajudar as crianças com atividades escolares, o maior motivo foi falta de tempo (36%), seguido de pouco entendimento sobre as atividades (31%). Falta de acesso a celulares, tablets e computadores aparece com 25% e dificuldade em acessar esses equipamentos que aparece em 15% das respostas.

Dentre os outros motivos podemos citar os familiares que precisam trabalhar para sustentar a casa, o tempo em que gastam dentro de transportes públicos, o cansaço causado por esses fatores e as tarefas domésticas que muitas das vezes sobrecarregam uma única pessoa.

Mesmo que os pais pudessem auxiliar seus filhos, é inegável a importância do professor. Os pais têm o seu papel na educação dos filhos, porém eles não substituem os professores. Existe um limite em que os pais podem fazer para educar em matérias escolares de forma contínua e com um embasamento técnico.

Resultados da Pesquisa - Crianças

Atividades que as crianças fizeram durante a pandemia

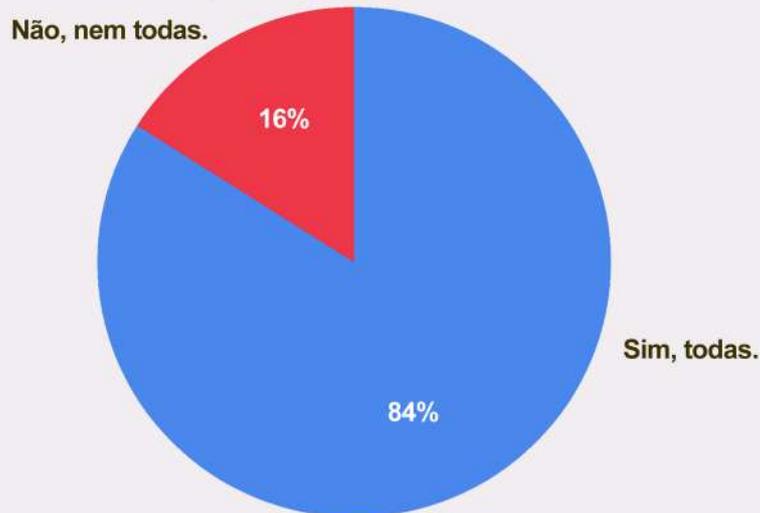


Nota-se que assistir à televisão foi a atividade que as crianças mais fizeram na pandemia, com 63% dos respondentes afirmando elas que fizeram isso para passar seu tempo. Elas recorreram também a brincadeiras com brinquedos e jogos não eletrônicos dentro de suas casas (52%). 44% afirmaram fazer uso de ferramentas eletrônicas como tablet, celular ou computador. Um quarto (23%) disse brincar na rua. A leitura de livros e revistas infantis impressas foi citada por 14% dos respondentes, assim como também 14% deles citaram o acesso a sites educativos, um número baixo em relação aos conteúdos pedagógicos que reforçam os aprendizados escolares. Em suma, o gráfico mostra que o entretenimento, e não o aprendizado escolar, é a atividade que as crianças passam a maior parte do tempo fazendo.

“ A pandemia afetou em minhas filhas não poderem ir a escola, ir ao curso na [ONG]. Pois tivemos que nos acostumar com uma nova rotina, ao qual não estávamos acostumadas, e por falta de aula crianças agitadas, aumentou nosso nível de estresse. Pois infelizmente não podemos deixar brincar na rua. ”

Resultados da Pesquisa - Crianças

Estímulo das crianças para voltar para a escola

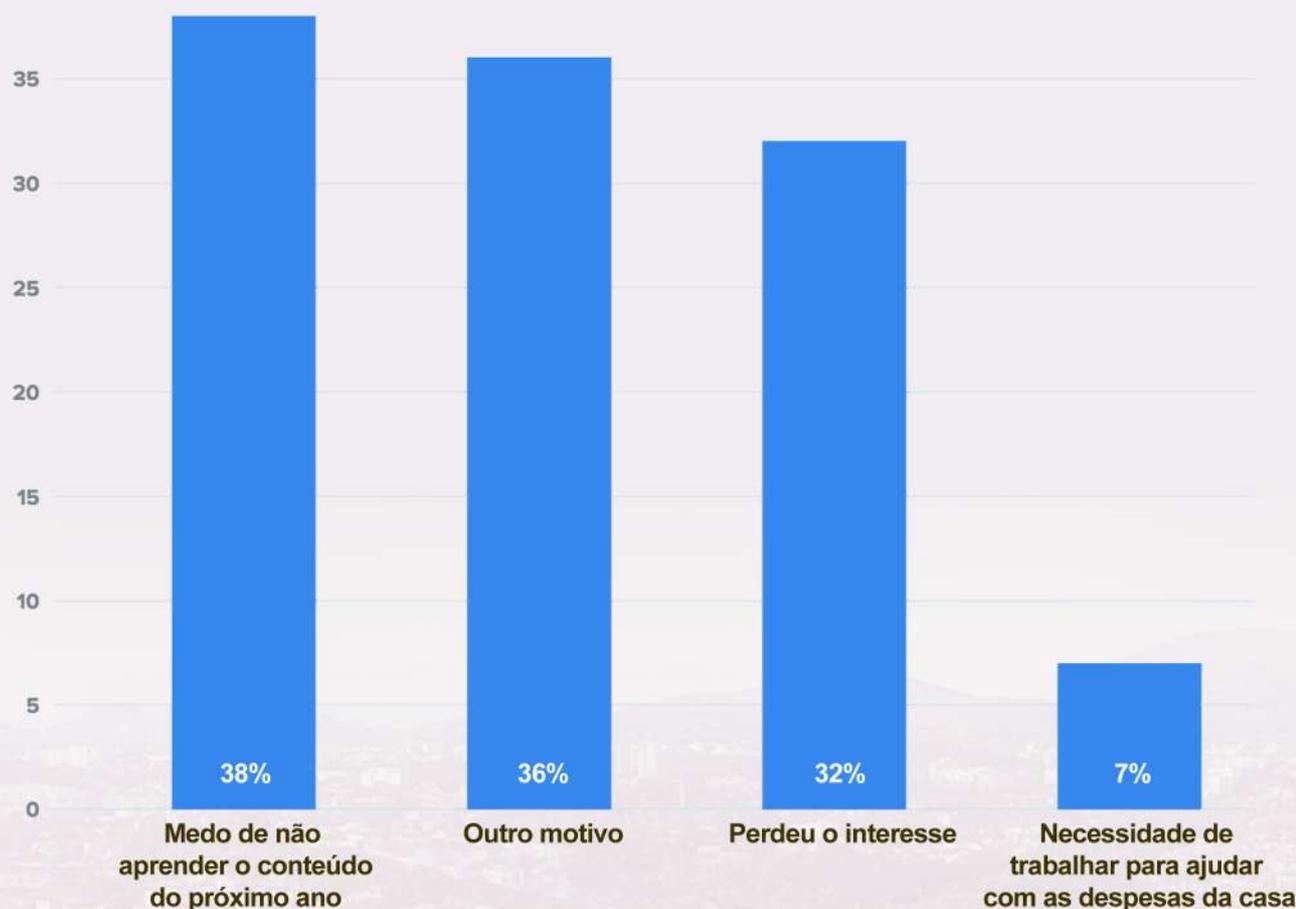


Na maioria das casas (84%), todas as crianças estão animadas para voltar escola. Porém, em 16% das casas, pelo menos uma criança não está estimulada para voltar. O tempo em que a pandemia interrompeu as atividades escolares presenciais trouxe ansiedades e responsabilidades para essas crianças. O espaço escolar vai além da educação, ele promove bem estar e interação através da sociabilidade. Fazer tarefas na modalidade presencial faz com que o aluno tenha um direcionamento e não precise ficar com essa responsabilidade de fazer os trabalhos diariamente sem uma supervisão. Assim, é necessário que lideranças da CDD e gestores públicos pensem em estratégias para alcançar e incentivar esses estudantes que estão desestimulados para retornar às aulas.



Resultados da Pesquisa - Crianças

Motivo por quais as crianças não estão estimuladas a voltar para a escola no próximo ano letivo



Somente 56 respondentes relataram que as crianças da sua casa não estão estimuladas a voltar à escola. Dentre essas, podemos ver que o medo de não conseguir aprender é o maior motivo, seguido pela perda de interesse. Mais sete por cento das crianças precisam ajudar com as despesas da casa, o que dificulta seu foco na educação.

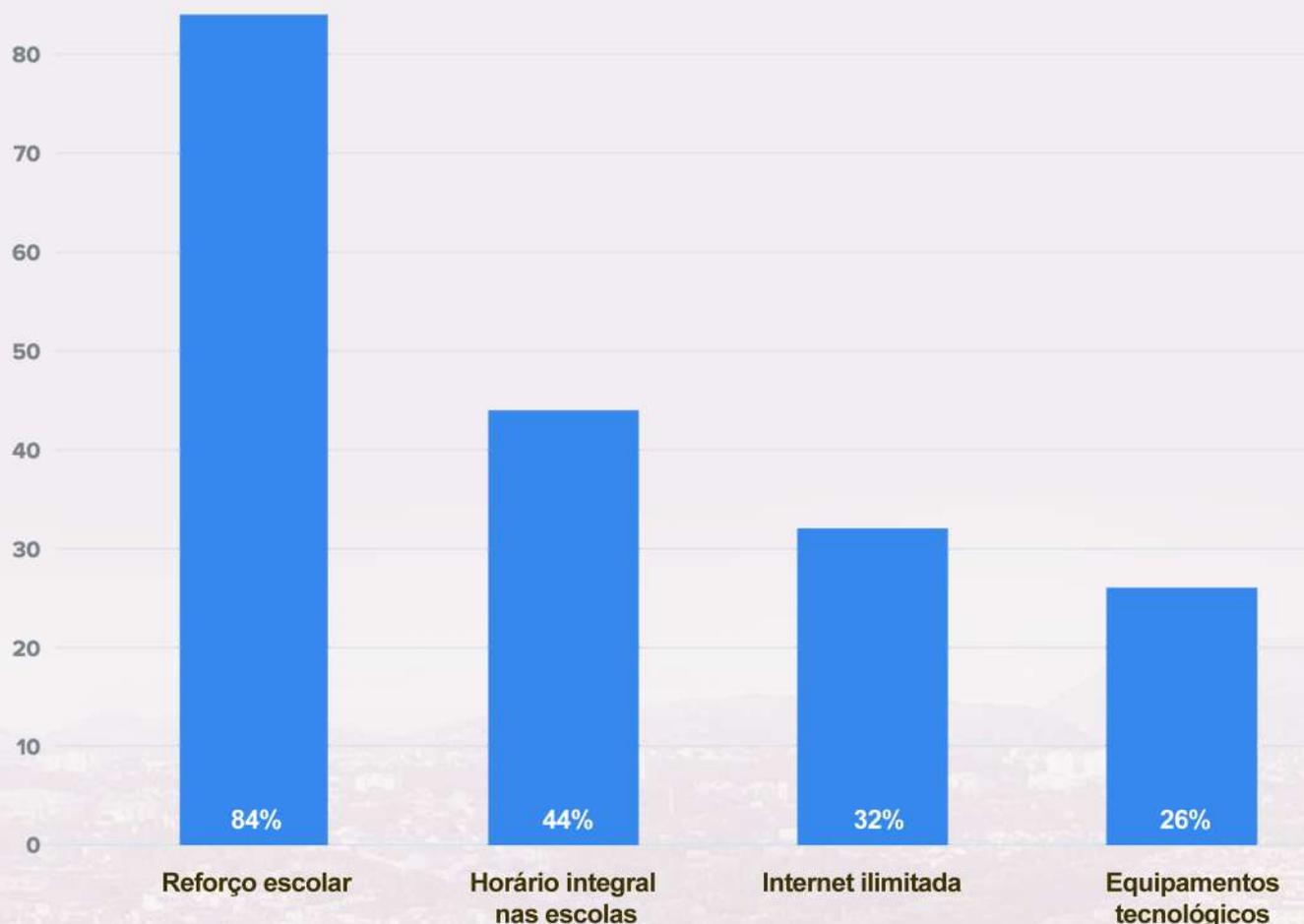
Um número significativo, 36%, respondeu “Outro motivo”. Algumas hipóteses podem ser citadas como o medo do vírus, de contaminar avós e mesmo de deixar os pais. É importante ressaltar que as crianças são influenciadas por informações que chegam a elas pelos meios de comunicação e pelos próprios familiares, em que discussões sobre a reabertura das escolas envolvem a possibilidade de as crianças contaminarem outros membros da família. Outras análises⁷ já apontaram que estes motivos podem ser causas recusa das crianças em voltarem às escolas. Neste sentido, é preciso que provedores e gestores públicos na área de educação pensem em formas de comunicar aos estudantes e às suas famílias fatos cientificamente comprovados sobre os riscos e implicações da volta às aulas presencial.

7 - Delboni, Débora. 2020. “Meu filho não quer voltar pra escola.” Estadão.

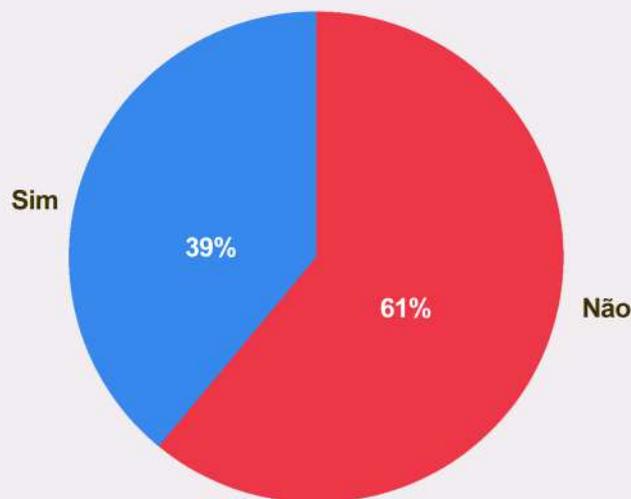
Disponível em: <https://emails.estadao.com.br/blogs/kids/meu-filho-nao-quer-voltar-pra-escola/>

Resultados da Pesquisa - Crianças

O que as crianças precisam para recuperar o aprendizado



Notamos que a maioria (84%) disse que o reforço escolar seria necessário para recuperar o aprendizado das crianças. Além disso, quase metade dos pais (44%) gostariam de ter horário integral nas escolas. Isso se deve ao fato do longo tempo em que diversas crianças ficaram sem acesso aos conteúdos escolares e, mesmo as crianças que acessaram-nos, não obtiveram um aprendizado mais amplo e efetivo. Muitos pais também precisam de ajuda para poder fornecer tecnologia aos seus filhos. Desse modo, é vital que provedores e gestores públicos conectem essas famílias a serviços de internet e equipamentos tecnológicos, bem como encontrem formas de difundir os conhecimentos técnicos que hoje em dia se tornaram essenciais para a participação no mercado de trabalho e na vida social e cultural da cidade.

Resultados da Pesquisa - Adolescentes**Casas onde moram adolescentes**

39% dos moradores disseram ter adolescentes de 13 a 18 anos morando na casa. A adolescência é uma fase que é marcada pela socialização e o convívio com os amigos. Devido à pandemia, os adolescentes não puderam fazer essas atividades, o que pode ter gerado conflitos, frustrações e sofrimento psíquico, problemas raramente percebidos pelos que convivem com os adolescentes. É importante refletir sobre como a falta de interação com amigos e colegas de escola impactou esse público. O que mudou nesse período na rotina desses adolescentes? Quais preocupações acometeram seus familiares diante disso? Que consequências podem surgir, a longo prazo?

Em 2020, A UNICEF realizou uma enquete⁸ sobre saúde mental na pandemia e acolhimento psicológico, com 4 mil adolescentes brasileiros, em sua maioria entre 15 e 19 anos. A enquete mostrou que 72% dos respondentes sentiram necessidade de pedir ajuda em relação ao bem-estar físico e mental durante a quarentena. Entretanto, 41% não recorreram a ninguém.

Com relação aos impactos da pandemia da Covid-19 na saúde mental de adolescentes, o estudo relata que:

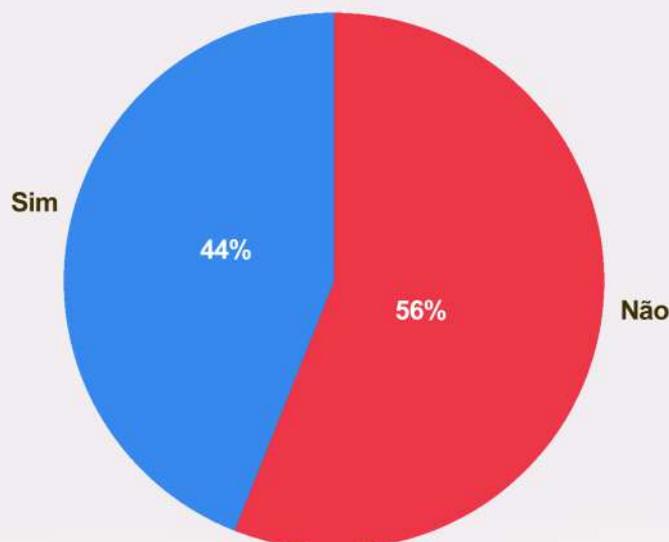
Apareceram também na enquete o pessimismo e o padrão de sono alterado. De acordo com os resultados, 46% dos respondentes estão mais pessimistas do que antes da pandemia e 80% dizem ter sentimentos negativos nos últimos dias (como depressão, ansiedade, nervosismo, preocupação ou tédio). Apenas 14% afirmaram estar bem-humoradas(os). O sono foi afetado de diferentes formas: 35% dormiram menos, 34% dormiram mais e 31% dormiram o mesmo de sempre.

Esses resultados iluminamos impactos da pandemia na saúde mental dos adolescentes, e ressaltam a necessidade de políticas públicas para promover o bem-estar psíquico para essa população.

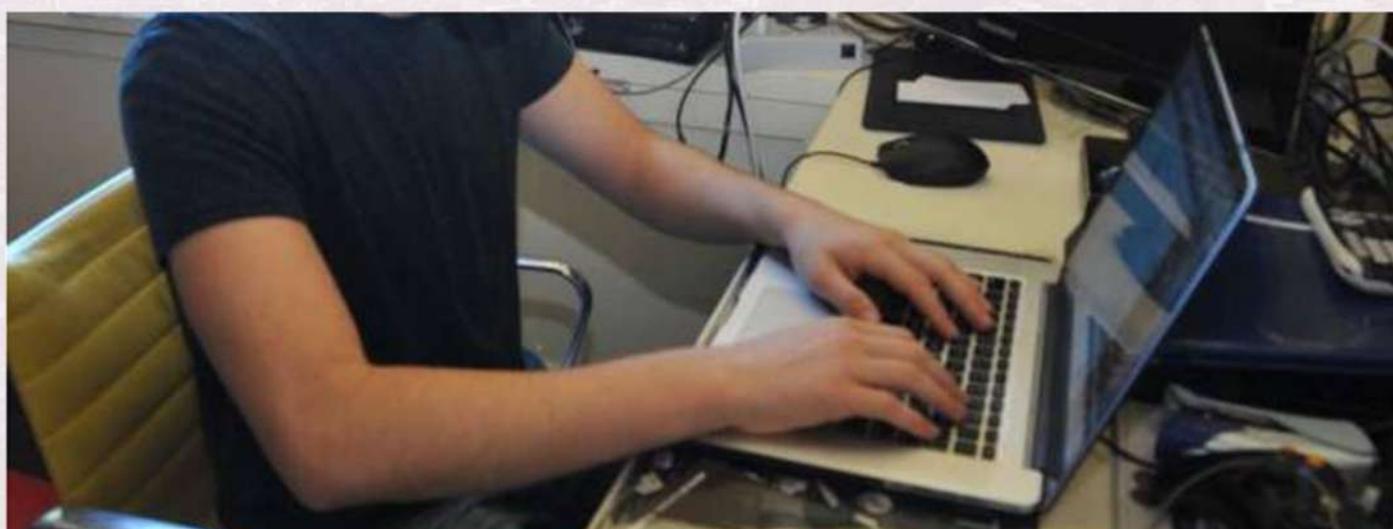
8 - UNICEFBrasil. 2020. "72% dos adolescentes sentiram necessidade de pedir ajuda durante a pandemia, mostra enquete do UNICEF." Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/72-dos-adolescentes-sentiram-necessidade-de-pedir-ajuda-durante-pandemia>

Resultados da Pesquisa - Adolescentes

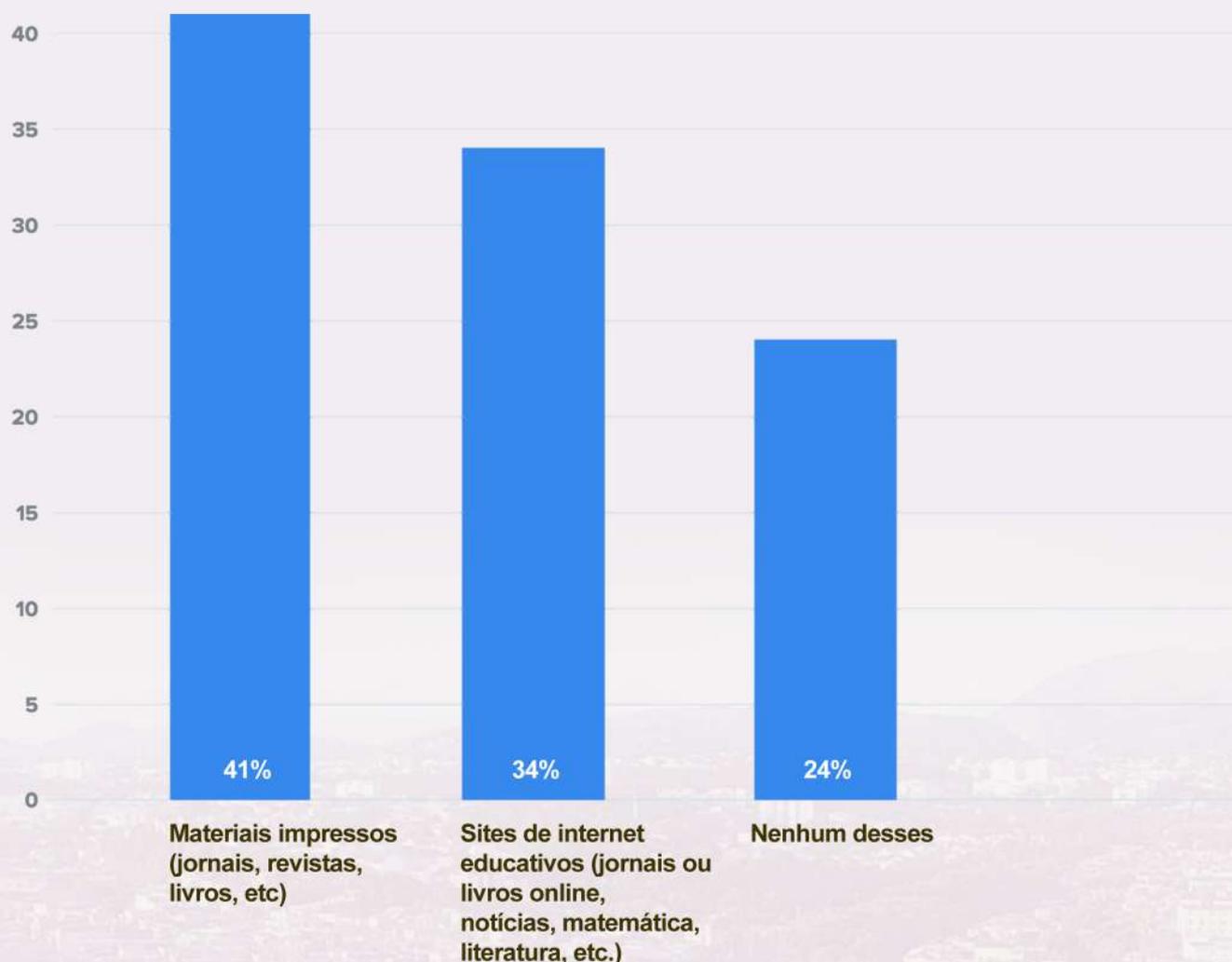
Adolescentes que acompanharam o material escolar regularmente durante a pandemia



Repara-se que o número de adolescentes acompanhando a escola é muito mais elevado que entre crianças. Isso pode ser porque adolescentes têm mais capacidade para se organizar e focar em deveres, enquanto as crianças precisam de muito mais assistência de adultos. Mesmo assim, mais da metade dos adolescentes (56%) não conseguiram acompanhar a escola. Quando voltarem à escola presencial, esses alunos estarão atrasados nas matérias e talvez se sentirão menos à vontade para participar ou compartilhar ideias. Essa dificuldade pode criar desigualdades mesmo dentro das salas de aula e desanimar aqueles alunos que não conseguiram acompanhar as matérias.



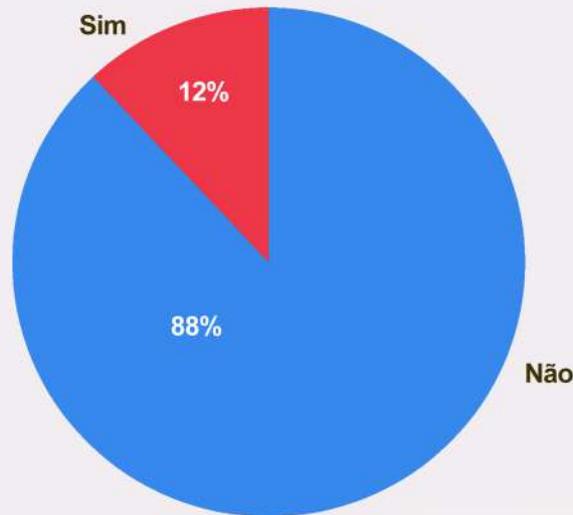
“ No meu caso, eu perdi a renovação do meu contrato. Perdi o ano na escola, porque ainda não sabemos se iremos conseguir terminar os estudos, pois, eu estava cursando o terceiro ano, e mesmo se a gente conseguir passar, perderemos a nossa formatura de último ano. ”

Resultados da Pesquisa - Adolescentes**Materiais educativos acessados por jovens**

Vale notar que o material escolar foi somente umas das fontes de aprendizado durante a pandemia. Como demonstra o gráfico acima, a maioria dos jovens acessou materiais educativos, como materiais impressos (24%) e sites educativos online (41%). Em total, 65% dos jovens utilizaram fontes além da escola para seguir as notícias e aprender novos conteúdos, o que é um dado positivo para esses jovens que puderam ter esse acesso. Esses materiais complementam ou reforçam de certa forma o aprendizado, diferente dos dados encontrados sobre a educação de crianças, em que os respondentes relatam a necessidade do reforço escolar. Desse modo, lideranças da CDD e gestores públicos devem, também, pensar em como assegurar e expandir o acesso dos estudantes a materiais educacionais além da escola, o que passa pela garantia do acesso à tecnologia e à internet na CDD.

Resultados da Pesquisa - Adolescentes

Algum adolescente desistiu do colégio

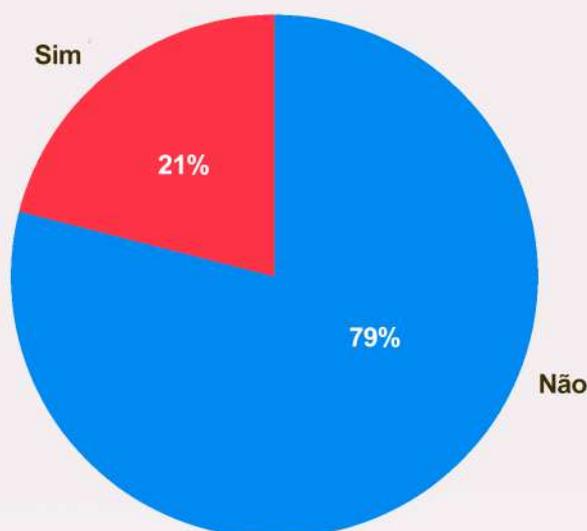


Nota-se que 88% dos respondentes disseram que os adolescentes da casa pretendem continuar com o colégio depois da pandemia, um número positivo mesmo tendo passado por um período sem estímulos e com dificuldades. Porém, vemos que houve uma desistência de 12%, o que é preocupante para a educação na Cidade de Deus. Teremos futuramente um aumento da desigualdade social econômica em nossa comunidade por consequência da desistência de nossos jovens em continuar os estudos e impactos negativos a longo prazo. Portanto, escolas, Conselhos Municipais dos Direitos da Criança e Adolescente, bem como Secretarias de Educação precisam, com urgência, elaborar estratégias para a reinserção desses jovens na escola.

“ Minha filha estava estudando para conseguir uma vaga no curso de auxiliar de veterinária, mais devido o fechamento das escolas, ela ficou muito prejudicada nos estudos e teve que adiar, mais ela está muito preocupada com essa questão de que o estado irá passar mesmo sem os alunos saberem realmente. ”

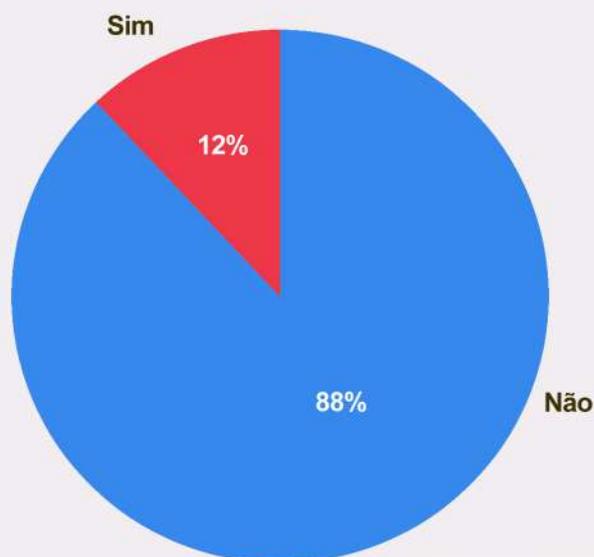
Resultados da Pesquisa - Adolescentes

Casas onde pelo menos um adolescente começou a trabalhar durante a pandemia para ajudar com despesas da casa



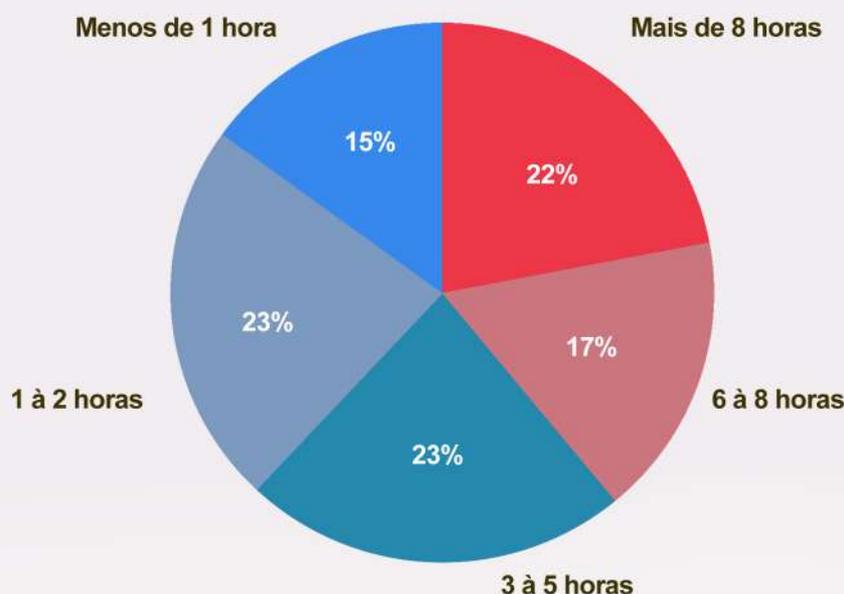
Um quinto (21,4%) dos respondentes relataram que os jovens da casa começaram a trabalhar para contribuir com as despesas da casa durante a pandemia. Isso não é surpreendente, sendo que houve um índice alto de perda de emprego e renda durante a pandemia. De acordo com o primeiro relatório do Coletivo de Pesquisa Construindo Juntos, “O Grave Estado Econômico da Comunidade”⁹, a extrema pobreza teve um salto de 12% para 20%. Por um lado, a inserção de jovens no mercado de trabalho pode contribuir não somente com renda mas possivelmente com novas habilidades para os jovens. Por outro lado, o trabalho distrai o jovem de poder estudar, algo que pode dificultar sua entrada na faculdade.

“ Meu filho mais velho passou por entrevistas remotas e em meio à pandemia conseguiu um emprego, que embora tenha aliviado com relação às despesas, gerou um outro problema. Tenho TAG e cada vez que ele e meu marido saiam pra trabalhar um desespero tomava conta de mim. Um medo terrível de eles adoecerem ou trazerem a doença pra casa. ”

Resultados da Pesquisa - Adolescentes**Adolescentes que acessaram as redes sociais durante a pandemia**

Percebe-se grande acesso em redes sociais por parte dos adolescentes durante a pandemia, com um número elevado de 88%. As redes sociais podem ser um espaço de diferentes interações, podendo ser sociais, de aprendizagem, de troca de conteúdos e transmissão de informações. A falta de lazer e de contato presencial entre familiares e amigos tornaram as tecnologias na ferramenta de aproximação e de ter um lugar para estar "presente", um refúgio do real para o virtual. Esse processo pode afetar a saúde mental dos adolescentes, bem como indicar que estes vêm passando por carências emocionais e sociais que podem tê-los feito recorrer ao meio digital. Tais observações vão de encontro aos demais dados acerca da saúde mental de adolescentes neste relatório, e apontam a necessidade de mais ações que monitorem e respondam às necessidades socioemocionais de adolescentes, bem como às causas e consequências do uso, por vezes excessivo, de redes sociais, por parte desse público.



Resultados da Pesquisa - Adolescentes**Horas por semana que os adolescentes da casa
passam acessando as redes sociais online**

Observamos que adolescentes passam bastante tempo acessando as redes sociais online. Um quinto (21,8%) acessam as redes sociais por mais de 8 horas semanais e mais 16,7% passam de 6 a 8 horas na redes online. Percebemos que as redes sociais foram um meio de interação no período da pandemia. Durante a pandemia, o convívio social, que é tão importante, tem sido bastante afetado, pois as pessoas se viram numa situação nunca vista anteriormente e com isso precisaram reinventar formas de conseguir conviver com tal situação. Um dos formatos de comunicação à distância são as plataformas digitais, em que mesmo as pessoas estando longe, parecem estar perto e podem se ver e conversar. Mas não sabemos o quanto de consequências o excesso desse uso pode causar e como as pessoas serão afetadas psicologicamente por uma situação em que não se pode ter por hora o contato próximo de abraçar, apertar as mãos, enfim, de utilizar os meios de "comunicação humana".

Na pesquisa Juventude e a Pandemia do Coronavírus¹⁰ que pesquisou 68 mil jovens em todo o Brasil, 6 em cada 10 jovens relataram ansiedade e uso exagerado das redes sociais durante a pandemia. Portanto, a realidade da Cidade de Deus coincide com o que ocorreu com os jovens de uma forma geral no país.

10- Atlas da Juventude. 2021. "Juventudes e a Pandemia do Coronavírus."
Disponível em: <https://atlasdasjuventudes.com.br/juventudes-e-a-pandemia-do-coronavirus/>

Resultados da Pesquisa - Adolescentes

De fato, é preocupante que tantos jovens passam uma parte considerável de seus dias conectados à internet. Porém, esse dado pode auxiliar gestores públicos e organizações locais da Cidade de Deus a pensar em formas de se comunicar com essa população. Por exemplo, no momento atual em que adolescentes já podem se vacinar contra a COVID-19 no Rio de Janeiro, é importante reforçar campanhas orientando os jovens a se vacinar e como e onde podem fazer isso; tais comunicações podem se alavancar a partir das redes sociais. Além disso, agentes educacionais da Cidade de Deus podem usar tais plataformas para combater a evasão escolar. Muitos municípios têm lançado mão da busca ativa, em que assistentes sociais, órgãos públicos e organizações não-governamentais fazem um contato individualizado com crianças e jovens que deixaram a escola, para incentivá-los a retomarem os estudos. Nesse processo, têm sido fundamentais campanhas em redes sociais como Tik Tok, Instagram e WhatsApp, articuladas com recursos institucionais da Rede Pública de Ensino. Só no Rio de Janeiro, essas estratégias de busca ativa trouxeram mais de 11 mil alunos de volta às escolas. Assim, é importante que organizações locais e gestores públicos na CDD instrumentalizem as redes sociais, para atingir os adolescentes das comunidades.

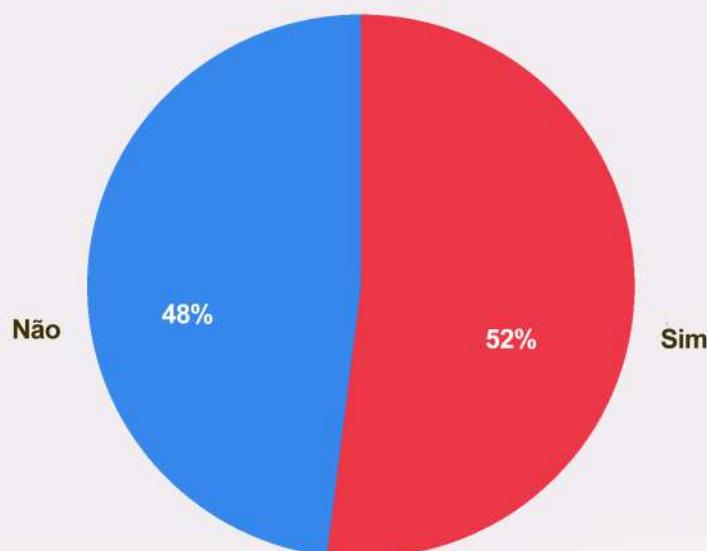
Ao mesmo tempo, deve-se reconhecer que existe uma população significativa dentro da CDD que não tem acesso à internet ou a aparelhos eletrônicos e que, portanto, fica excluída de campanhas digitais. Logo, junto a esses esforços no meio virtual, líderes comunitários e do setor público devem pensar em estratégias para atingir moradores da CDD presencialmente, para, assim, atender às populações mais vulneráveis da comunidade.



11- Unicef Brasil. 2021. “Rio de Janeiro enfrenta evasão escolar:

Busca Ativa Escolar já reconduziu mais de 11 mil estudantes às salas de aulas neste ano.”

<https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/rio-de-janeiro-enfrenta-evacao-escolar-busca-ativa-escolar-ja-reconduziu-mais-de-11-mil-estudantes-as-salas-de-aula>

Resultados da Pesquisa - Adolescentes**Casas com adolescentes onde houveram conflitos com adolescentes sobre seguir a quarentena**

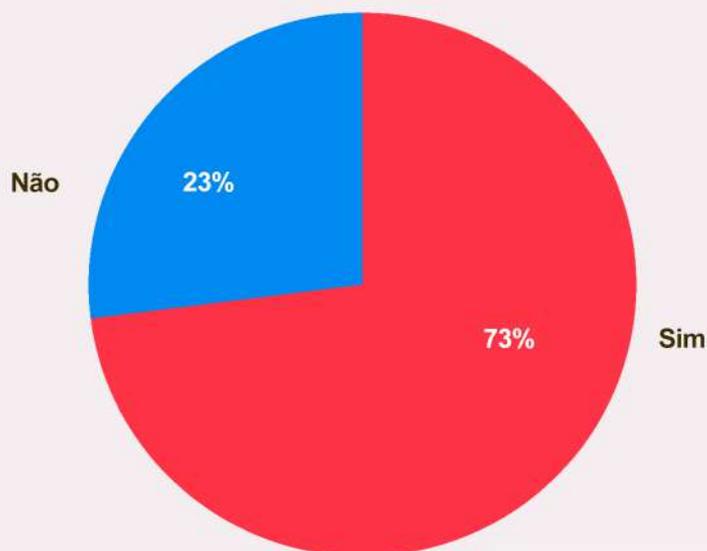
Mais da metade das casas com adolescentes (51,9%) relataram conflitos em seguir a quarentena, um dado preocupante no que tange a disseminação do Coronavírus e na proteção desses familiares, visto que os adolescentes que não seguiram a quarentena correm maior risco de se contaminarem e de contaminar outros membros da sua casa.

A adolescência já é uma fase difícil, marcada normalmente por conflitos entre pais e filhos. Com a quarentena, imposta pela pandemia, é natural que estes conflitos tenham aumentado na medida em que os adolescentes se viram impedidos de encontrar os amigos de seu grupo e de realizarem outras atividades desta fase da vida como ir a bailes e festas.

A pesquisa Juventude e a Pandemia do Coronavírus apontou, na parte referente às condições de saúde física e emocional sentidas, que quanto ¹²menos idade do jovem mais são relatados brigas frequentes dentro de casa. Neste sentido, novamente a realidade encontrada na Cidade de Deus coincide com a que foi atestada pela pesquisa nacional.

Resultados da Pesquisa - Adultos

Teve que desistir da faculdade ou curso



73% dos respondentes da pesquisa disseram que tiveram que desistir da faculdade ou curso. Segundo o Sindicato das Entidades Mantenedoras (Semesp), a evasão universitária no Brasil subiu 14% de 2019 para 2020.¹³ Ou seja, a evasão escolar entre adultos na CDD foi mais de cinco vezes maior na CDD do que no país. A crise econômica na Cidade de Deus gerada durante a pandemia gerada pelo desemprego afetou o prosseguimento com estudos. Provavelmente essas pessoas tiveram outras prioridades neste momento, como alimentação ou aluguel, e não tiveram condições financeiras para pagar por seus cursos. Portanto, urge que gestores públicos criem programas para apoiar pessoas de bairros precarizados, como a Cidade de Deus, a fazerem cursos e formações profissionais. Tais oportunidades são particularmente importantes para que esses indivíduos obtenham maiores chances de sucesso e empregabilidade no mercado de trabalho, haja vista que 52% dos respondentes desta pesquisa perderam emprego durante a pandemia.¹⁴

13- Estadão Conteúdo. 2020. "Inadimplência no ensino superior aumenta quase 30% em 2020; evasão também cresce." *Gazeta do Povo*. 19 de Outubro.

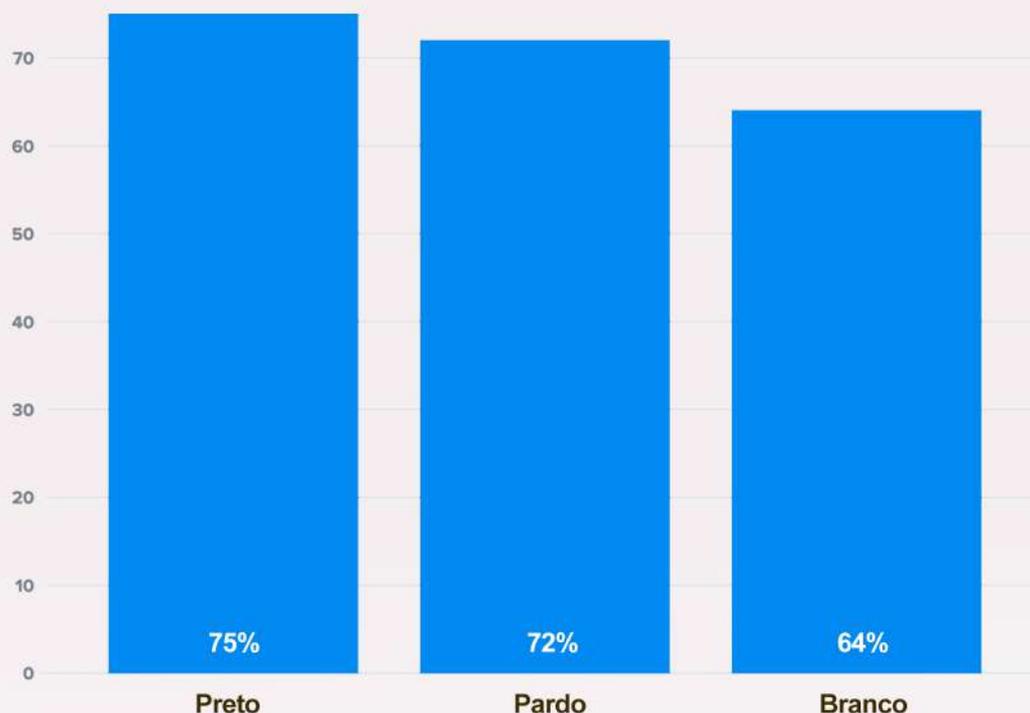
Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/breves/inadimplencia-evasao-ensino-superior-brasil-2020/>

14- Fahlberg, Anjuli, Cristiane Soares, Sophia Costa, Mirian Andrade, Jacob Portela e Shelley Li. 2021. "O Impacto da Pandemia de Covid-19 na Cidade de Deus: O Grave Estado Econômico da Comunidade." Coletivo de Pesquisa Construindo Juntos.

Disponível em: <https://www.construindojustos.com/acervo>

Resultados da Pesquisa - Adultos

Pessoas que tiveram que desistir de um curso, por raça



Em média 73,5% de pessoas pretas e pardas tiveram que desistir de um curso, contra 64% de brancos. Tal dado aponta a questão histórica e enraizada da desigualdade racial, a qual foi agravada durante a pandemia. Há de se pensar em quem foram as primeiras pessoas impactadas economicamente ou quais os fatores as levaram a desistir de seus cursos. Com o resultado do gráfico observamos novamente uma regressão de direitos, ou seja, pessoas pretas e pardas que não puderam prosseguir com seus cursos.

Em artigo publicado na revista eletrônica Educação em Revista, no ano de 2018, podemos observar uma reflexão sobre os mecanismos de produção do fracasso escolar recorrente entre jovens negros. Baseado em entrevistas realizadas entre 2012 e 2013, os pesquisadores concluíram que os jovens negros em idade escolar passam por situações que estimulam e reforçam o abandono escolar. Além disso, apontam para o fato de que na modernidade a educação é essencial para a inserção no mercado de trabalho e que a falta dela para os jovens negros contribui para a estratificação na nossa sociedade.

Recomendações de Políticas Públicas

Os dados apresentados neste relatório mostram as graves consequências que a pandemia impôs à educação de jovens e crianças, um retrocesso muito grande que atingiu em ampla escala os moradores da Cidade de Deus. Podemos ver que a pandemia foi um período de ociosidade que fez com que crianças perdessem importantes aprendizados e aumentou as aflições de adultos e jovens sobre um futuro incerto, comprometendo ainda mais a sua saúde mental. Ademais, as altas taxas de evasão escolar e os prejuízos de aprendizado urgem que se recupere esse conteúdo perdido e se reflita sobre as consequências desse período para os estudantes da CDD a longo prazo. Se nada for feito nesse sentido, as desigualdades irão aumentar drasticamente. A educação já era defasada no Brasil e as desigualdades já existiam, e em um momento de crise os primeiros a serem afetados são as populações mais vulneráveis.

Ainda temos uma outra realidade nas escolas, de alunos que necessitam desses espaços para se alimentar, mostrando um alcance que vai além do ensino no atendimento desses alunos. Nesse sentido, lideranças locais e governamentais devem criar estratégias para prover esses serviços aos estudantes em ambientes fora da escola, também.

O afastamento das escolas e a falta de acessibilidade trouxeram aos estudantes enormes prejuízos psicológicos e emocionais, os quais terão implicações a longo e a curto prazo, na vida adulta. Temos de pensar no momento da inserção dos jovens no mundo do trabalho e refletir quais mudanças poderão surgir após esse momento e quais dificuldades esses jovens podem enfrentar devido às perdas referentes ao aprendizado que tiveram.

A pandemia gerou estresse e uma procura maior por meios de comunicação e interação social. O formato convencional didático de aprendizagem presencial com o professor e que facilita a assimilação dos conteúdos apresentados não pode acontecer durante a pandemia. A forma disponibilizada online não atingiu a todos devido à, falta de acesso à internet, falta de equipamentos, falta de motivação em dar continuidade na rotina e dificuldades no autogerenciamento de suas tarefas escolares. Inclusive, esse formato de uso da tecnologia foi disponibilizado apenas para amenizar os efeitos causados pela pandemia, caso nada tivesse sido feito, ou seja, poderia ter sido pior esse cenário.

Recomendações de Políticas Públicas

Para combater os grandes obstáculos e desvantagens gerados pela pandemia na questão educacional de crianças, adolescentes e adulto na Cidade de Deus, recomendamos que o poder público dê prioridade aos seguintes programas:

- Projeto de reforço escolar pautado em um planejamento de ensino efetivo dentro do tempo diário dos alunos no período em que encontram-se na escola, principalmente na questão da alfabetização.
- Política de acesso à internet para pessoas em situação de vulnerabilidade social. Disponibilização de equipamentos e acesso à tecnologias para crianças, adolescentes e jovens pensando no avanço digital e tecnológico que a sociedade está vivendo e nas desigualdades de acesso, levantadas no período de pandemia.
- Disponibilização, através do Ministério da Educação, de uma boa grade curricular e a disponibilização de livros, computadores, acesso à internet e outras tecnologias no ambiente escolar, além do investimento em professores e infraestrutura.
- Estratégias para o combate e prevenção da evasão escolar, que já aconteciam antes da pandemia. Uma dessas seria a busca ativa e incentivos à permanência nas escolas, observando as necessidades desses alunos.
- Estratégias para lidar com as consequências psicológicas e emocionais causadas pela pandemia em relação ao relacionamento com a escola, a família e a comunidade e que a curto e longo prazo trará sequelas graves na educação.
- Programas de incentivo à leitura. Criação de bibliotecas comunitárias, municipais e nas escolas, em que livros sejam de fácil acesso para os moradores e também espaços literários que promovam concursos e apresentações.
- Inserção imediata de assistentes sociais, psicopedagogos e psicólogos no ambiente escolar, proporcionando um maior engajamento familiar com a escola.
- Ativação da rede de educação já existente no território, que inclui as OSCs (Organizações da Sociedade Civil), para complementação das atividades de aprendizagem.

A implementação de tais políticas requer que se pense, também, nos efeitos da falta de meios básicos para a sobrevivência [como moradias precárias, fome, violência] e qual a relação desse contexto com o grau de assimilação com os ensinamentos oferecidos pela escola. Tais políticas serão de extrema importância para recuperarmos os danos causados em jovens e crianças que sofrem os efeitos das desigualdades e da precarização da Cidade de Deus, para que esses alunos se mantenham motivados a continuarem na escola.